



iede

Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional

COMO ESTÃO AS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL?

Análise das respostas dos professores, diretores e alunos aos questionários do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2017

AMBIENTE ESCOLAR

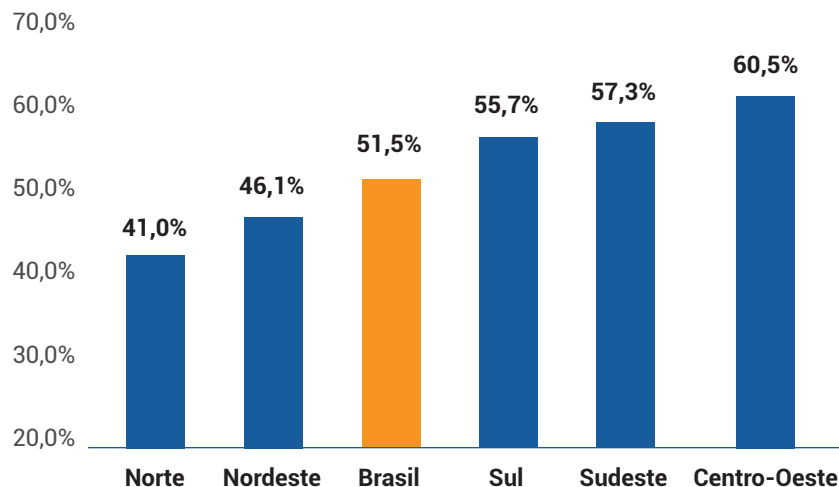
Esse documento aborda:

1. Agressão verbal ou física de alunos a funcionários da escola ou professores;
2. Agressão verbal ou física entre alunos, sob a perspectiva dos docentes e dos diretores;
3. Projetos contra violência existentes na escola;
4. Relação dos alunos e das famílias com a escola;
5. Fatores que impactam a aprendizagem dos alunos, na visão dos professores.

Metade dos diretores afirma já ter havido agressão verbal ou física de alunos a professores ou funcionários da escola

Agressão verbal ou física entre alunos é ainda mais comum nas escolas: 72,4% dos professores relatam que isso aconteceu no ano vigente

Percentual de diretores que relata já ter havido agressão verbal ou física de alunos a outros docentes ou funcionários, por região:

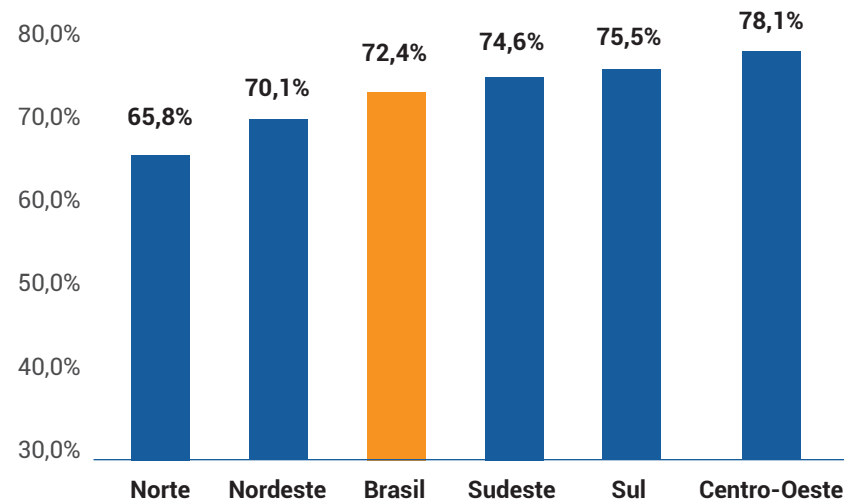


Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

Distrito Federal é o local com o percentual mais alto: **68%** dos diretores relatam já ter acontecido agressão verbal ou física de aluno a funcionário ou professor. Em seguida, aparecem **Mato Grosso (61,9%)** e **Mato Grosso do Sul (60,4%)**.

Na outra ponta, com o percentual mais baixo, está o **Amazonas**, com **32%**.

Percentual de diretores que relatam já ter havido agressão verbal ou física de alunos a outros alunos, por região:

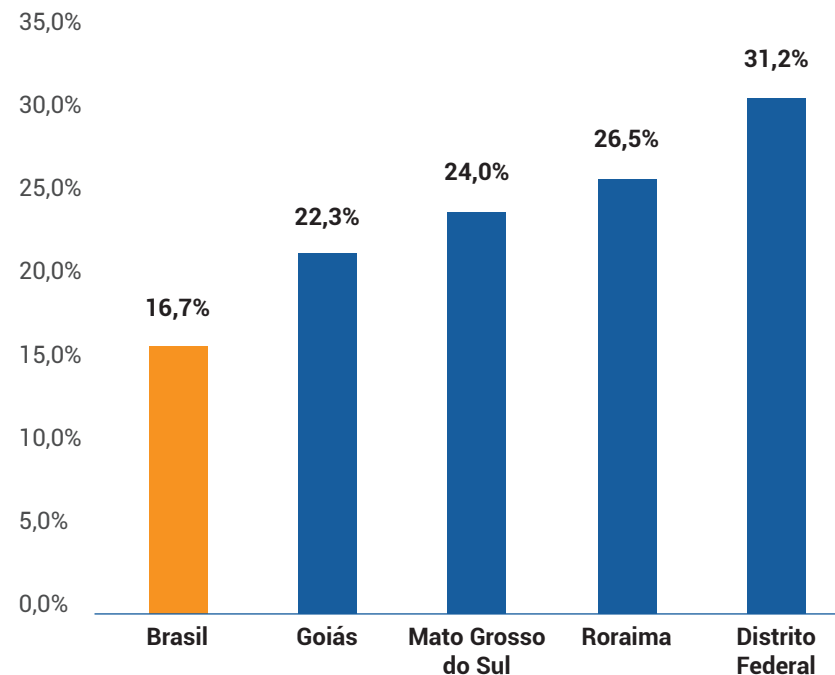


Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

- **9,9%** dos diretores relatam ter sido ameaçados por algum aluno;
- **16,7%** disseram que alunos frequentaram aulas sob efeito de bebidas alcóolicas;
- **22,5%** afirmaram que alunos frequentaram as aulas sob efeito de drogas ilícitas.

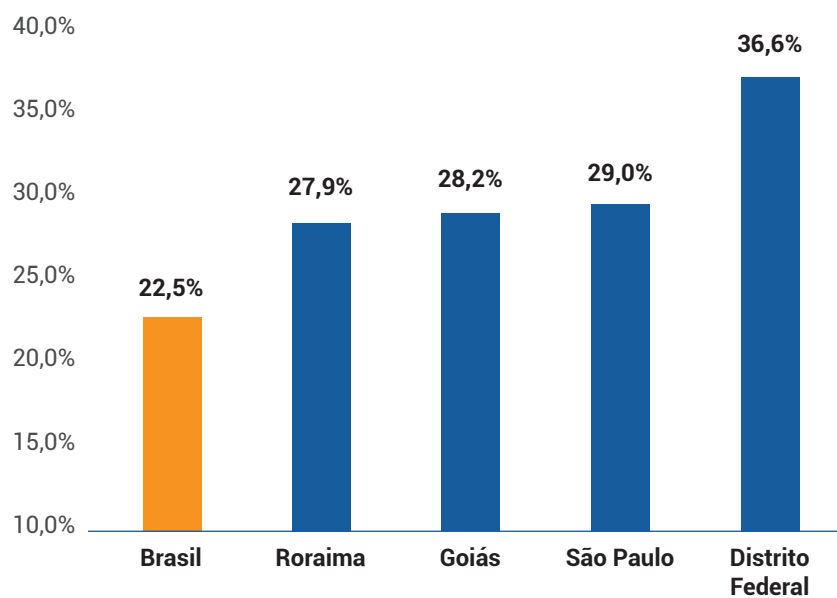
A seguir, veja a média brasileira e os quatro estados com os maiores percentuais de diretores relatando que os alunos frequentaram a escola nas seguintes condições:

1. Sob efeito de bebidas alcóolicas:



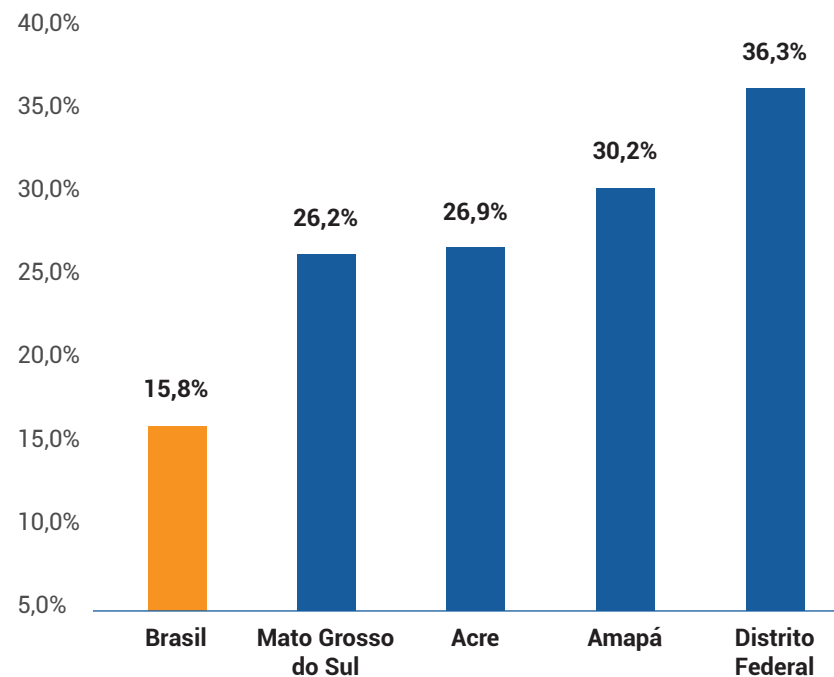
Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

2. Sob efeito de drogas ilícitas:



Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

3. Portando armas brancas:



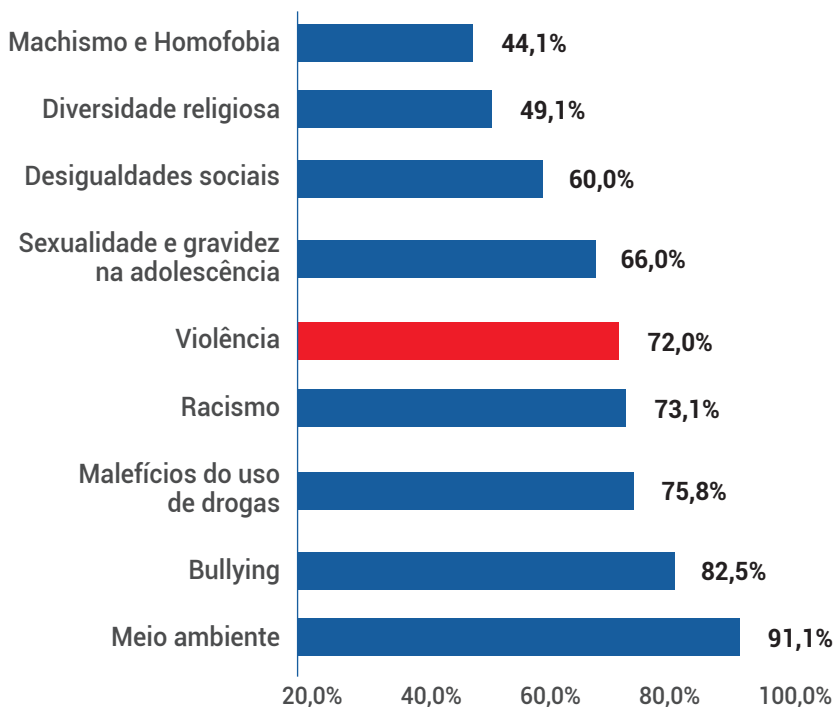
Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

- **2,4%** dos diretores dizem que os alunos frequentaram a escola com arma de fogo

PROJETOS NAS ESCOLAS

Mais de 90% dos diretores que responderam aos questionários do Saeb 2017 disseram que, na escola onde trabalham, há projetos sobre a temática do meio ambiente. Este foi o tema com o percentual mais alto. Mais de 70% afirmaram que há projetos sobre a temática de violência.

Percentual de diretores que afirmou existir na escola projetos nas temáticas a seguir:



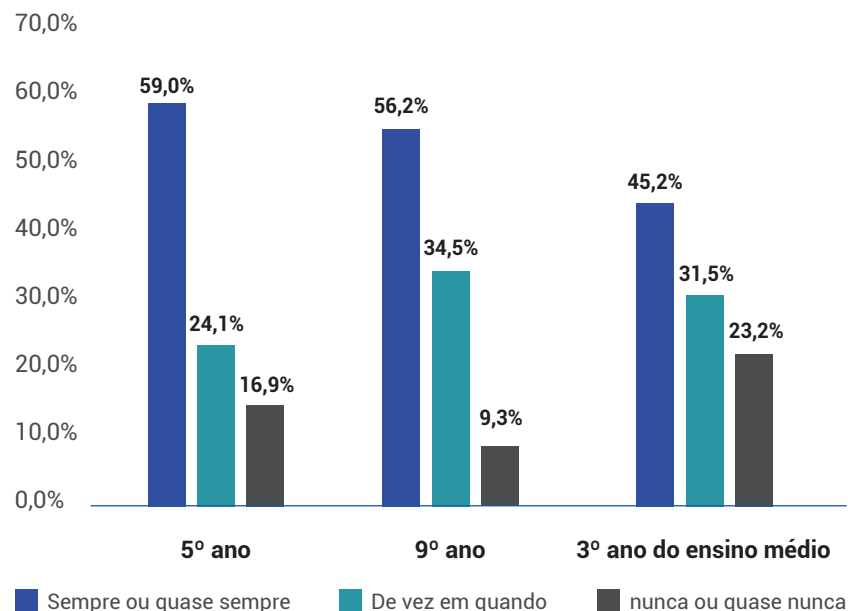
Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA

59% dos alunos de 5º ano dizem que os pais "sempre ou quase sempre" participam das reuniões na escola

O percentual cai no 9º ano e, no 3º ano do ensino médio, fica em 44,3%

Veja a seguir as respostas dos alunos sobre com qual frequência os responsáveis participam das reuniões de pais na escola:

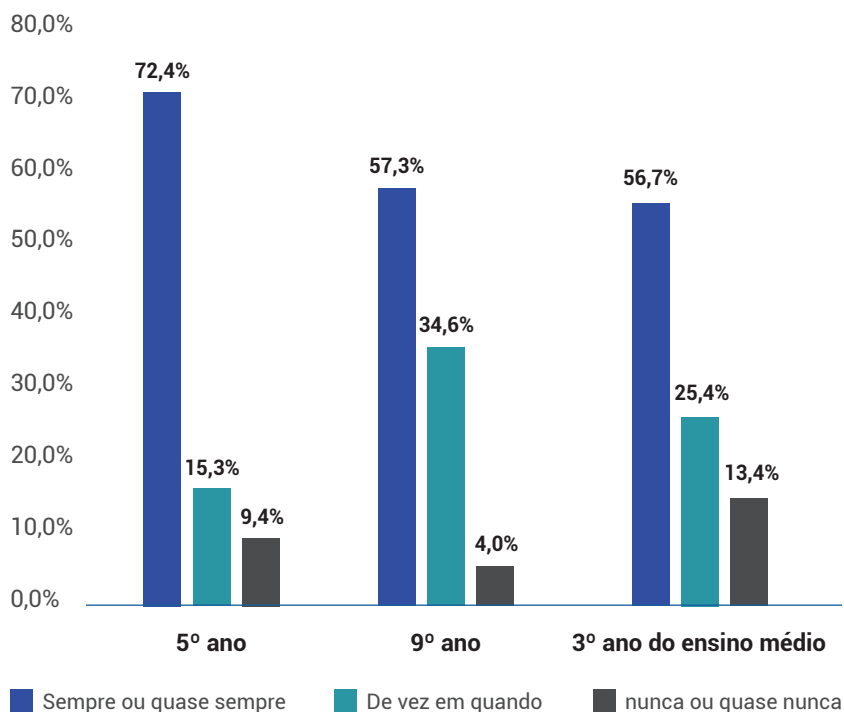


Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

Em **todas as regiões e nas três séries avaliadas** - 5º e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio - **mais de 90% dos alunos** dizem que **os pais os incentivam a estudar e a fazer os deveres de casa**.

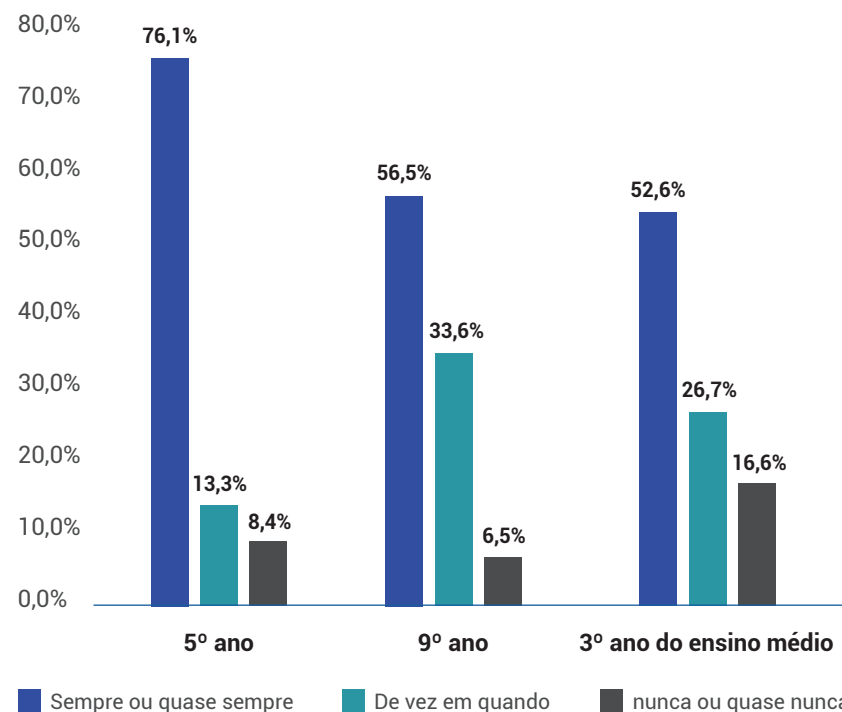
No entanto, os percentuais de alunos que responderam fazer o dever de casa "sempre ou quase sempre" varia conforme sua série escolar. Veja a seguir:

Respostas dos alunos à pergunta: "você faz o dever de casa de língua portuguesa?"



Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

Respostas dos alunos à pergunta: "você faz o dever de casa de matemática?"

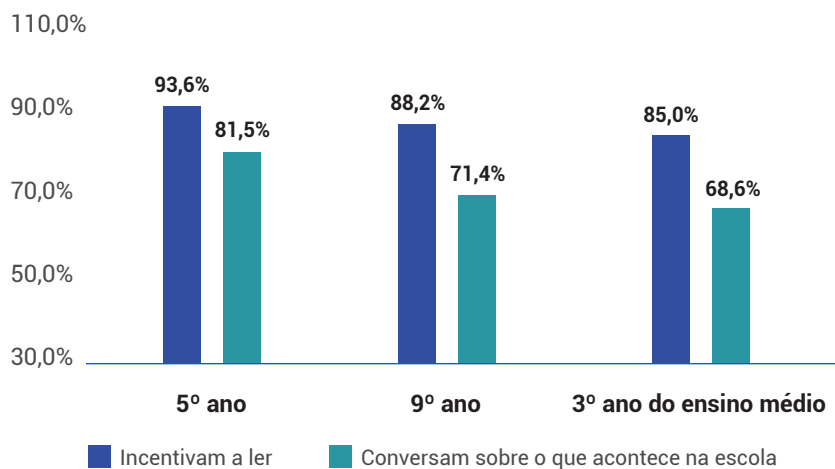


Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

HÁBITOS DE LEITURA

Ainda que os percentuais apresentem variação entre os anos, a maior parte dos alunos que respondeu aos questionários do Saeb 2017 disse que os pais ou responsáveis os incentivam a ler e conversam sobre o que acontece na escola. Veja:

Respostas dos alunos às perguntas: “seus pais ou responsáveis incentivam você a ler?” e “seus pais ou responsáveis conversam com você sobre o que acontece na escola?”



Fonte: Inep / Questionários do Saeb 2017. Tabulado por Iede

Alunos do 5º leem livros com mais frequência: 49,3% disseram ler “sempre ou quase sempre”, contra 26,7% de alunos do 9º ano, e 32,5% do 3º ano do ensino médio.

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Mais de 90% dos professores dizem que problemas de aprendizagem dos alunos ocorrem por falta de acompanhamento dos pais

Dentre 11 fatores, esse foi o mais citado. Em seguida, aparece falta de esforço do aluno

Para **93,1%** dos professores, os possíveis problemas de aprendizagem dos alunos ocorrem por falta de acompanhamento e assistência dos pais. O segundo item mais citado, com **91,2%**, é desinteresse e falta de esforço do aluno.

Na visão dos docentes, fatores ligados ao próprio aluno e à sua família impactam mais nos problemas de aprendizagem do que itens relacionados aos educadores ou à gestão escolar, como não cumprimento do currículo escolar ou sobrecarga e desestímulo do professor. Veja a seguir:

Falta de assistência e acompanhamento dos pais na vida escolar do aluno	93,1%
Desinteresse e falta de esforço do aluno	91,2%
Meio social em que o aluno vive	82,4%
Nível cultural dos pais dos alunos	80,8%
Baixa autoestima dos alunos	74,9%
Indisciplina dos alunos em sala de aula	68,0%

Alto índice de faltas por parte dos alunos	48,8%
Carência de infraestrutura física	36,4%
Sobrecarga de trabalho dos professores, dificultando o planejamento e o preparo das aulas	32,6%
Insatisfação e desestímulo do professor com a carreira docente	29,6%
Não cumprimento dos conteúdos curriculares ao longo da trajetória escolar do aluno	28,9%
Conteúdos curriculares inadequados às necessidades dos alunos	16,9%
Carência ou ineficiência da supervisão, coordenação e orientação pedagógica	16,0%

ANÁLISE

Análise dos dados por **Telma Vinha**, pedagoga, doutora na área de Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação pela Unicamp e professora na mesma instituição

“Os dados dos questionários do Saeb 2017 são coerentes com outros estudos que indicam que as escolas brasileiras têm sofrido com inúmeros problemas de convivência, mais do que os países desenvolvidos. Uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2017) com mais de 100 mil professores e diretores de escolas dos ensinos Fundamental e Médio de 34 países mostram que, no Brasil, 12,5% dos educadores disseram sofrer agressões verbais ou intimidações de alunos ao menos uma vez por semana. A média entre todos os países foi de 3,4%.



O fato do Saeb juntar em uma única pergunta agressão física e agressão verbal, tanto contra alunos quanto contra os professores e funcionários, impede uma análise mais criteriosa do tipo de agressão, posto que são formas completamente diferentes. As agressões físicas estão mais próximas à violência enquanto as verbais, mais relacionadas às incivildades”

Contudo, o fato do Saeb juntar em uma única pergunta agressão física e agressão verbal, tanto contra alunos quanto contra os professores e funcionários, impede uma análise mais criteriosa do tipo de agressão, posto que são formas completamente diferentes. As agressões físicas estão mais próximas à violência enquanto as verbais, mais relacionadas às incivildades. São violências “duras” aquelas reguladas pelo Código Penal, como agressões físicas, lesões, tráfico de droga, roubo, etc. Alguns estudos indicam que, mais do que a violência, há o crescimento das incivildades, particularmente as pequenas infrações que se repetem constantemente (agressões verbais, insultos, provocações e desrespeito).

É preciso considerar que existe o insulto em situações de desavenças ou contrariedades, mas há também o palavrão empregado pelo jovem mais como uma contraconduta do que como resistência (atitude de enfretamento).



O que pode minar as relações e perturbar muito o ambiente não é a presença da incivildade, mas a frequência e intensidade com que ela aparece”

Estudos, como de Blaya e colegas (2004), mostram que o mundo escolar é mais frequentemente palco de pequenas desordens, de tumultos, de recusas em cooperar, de insolência, de indelicadezas e de palavras ofensivas do que de delitos qualificáveis em termos penais, ou seja, violências. Comportamentos como esses sempre estarão presentes em maior ou menor grau na escola. Incomodam mais pela intensidade e frequência do que pela gravidade. Sendo assim, o que pode minar as relações e perturbar muito o ambiente não é a presença da incivilidade, mas a frequência e intensidade com que ela aparece.

As incivildades precisam ser consideradas e tratadas como questões pedagógicas no sentido de trabalhar com os alunos a qualidade da convivência que querem ter naquele espaço.

A falta de diferenciação dos diferentes problemas de convivência (violência, incivildades, transgressão, indisciplina, bullying...), sendo todos considerados violência, promove a percepção generalizada de aumento da violência escolar. Cada problema de convivência tem suas especificidades e requer intervenções diferenciadas. Essa indiferenciação gera alarmismos e incentiva medidas coercitivas e controladoras, como, por exemplo, a contratação de empresas de segurança, instalação de filmadoras e a militarização na gestão escolar, buscando-se na atuação policial o que caberia às escolas. Assim, elas são desqualificadas em seu papel de formar para a cidadania e destituídas de sua função pedagógica de promover a aprendizagem da convivência democrática. Essa questão precisa ser discutida pela comunidade escolar e pela sociedade, porque influencia diretamente a formação que queremos oferecer para nossas crianças e jovens.



"A falta de diferenciação dos diferentes problemas de convivência (violência, incivildades, transgressão, indisciplina, bullying...), sendo todos considerados violência, promove a percepção generalizada de aumento da violência escolar. Cada problema de convivência tem suas especificidades e requer intervenções diferenciadas"

Projetos nas escolas

Apesar de as escolas desenvolverem ações diversas envolvendo diversidade, respeito, não violência, entre outros, é importante destacar que atividades pontuais, como palestras, ou atividades específicas, apresentação da legislação e desenvolvimento de um ou outro projeto não são propostas consideradas efetivas para transformar valores e condutas.

Em um estudo que investigou os projetos de educação em valores nas escolas públicas brasileiras (MENIN, BATAGLIA, ZECHI, 2013), verificou-se que, de 1.062 escolas que apresentaram projetos desse tipo, menos de 2% tinham, de fato, algum trabalho mais sistematizado que poderia ser considerado bem-sucedido.



É importante destacar que atividades pontuais, como palestras, ou atividades específicas, apresentação da legislação e desenvolvimento de um ou outro projeto não são propostas consideradas efetivas para transformar valores e condutas"

Os motivos pelos quais a grande maioria dos projetos não foi considerada bem sucedida foram: 1. os projetos eram direcionados apenas aos alunos; 2. eram pontuais e desenvolvidos por curto espaço de tempo (dos 12 projetos

selecionados, apenas dois perduravam após dois anos); 3. tinham um caráter de transmissão/doutrinação; 4. havia uma nítida contradição entre os objetivos e o clima relacional/disciplinar na escola (se ensinava uma coisa e se vivia outra); 5. havia incoerência entre as posturas e intervenções dos adultos nas situações de conflitos; 6. não eram extensivos a outros espaços vividos na escola e no entorno; 7. visavam o controle disciplinar ou do comportamento e não a melhoria da convivência e o desenvolvimento de estratégias mais assertivas e cooperativas para lidar com os conflitos.

Chama a atenção que 71% dos profissionais que elaboraram os projetos não tiveram nenhuma formação nessa área; assim, as propostas eram pautadas principalmente no senso comum. As iniciativas nas escolas brasileiras que apresentam maior eficácia podem ser consideradas, ainda, como experiências isoladas, quase artesanais.

Nesse sentido, para o desenvolvimento de um bom trabalho nessa área, não bastam ações pontuais ou projetos específicos, muito menos acreditar que a perspectiva legalista é suficiente. Essa aprendizagem não se dará de uma hora para outra, e nem se dará de forma harmônica, mas sim, gradualmente, por meio de ações institucionais e atos cotidianos do professor que as estimulem.

Apesar de termos leis e documentos que abordam como a LDB, lei antibullying (Lei 13.185/2015) e mesmo a BNCC, faltam políticas públicas que, efetivamente, se traduzam em ações transformadoras nas escolas.

Uso de drogas e consumo de bebidas alcoólicas

Os dados vão ao encontro de outros que mostram que metade de nossos adolescentes já experimentou bebidas alcoólicas e um em cada cinco já usou drogas (Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, de 2015). Esse problema afeta diretamente a escola e mostra que é preciso trabalhar tais questões.

Para isso, é importante que ao menos um dos professores da escola estude o tema e as formas de intervir. Com isso, evita-se a adoção de um discurso autoritário e proibitivo, que pode trazer resultados indesejados. A escola também deve pensar a questão de maneira ampla. É importante colocar a questão para os demais profissionais da escola como um tema que precisa ser estudado e discutido, inclusive com os próprios estudantes.

O trabalho de prevenção envolve o levantamento do uso de álcool e drogas na escola e o desenvolvimento de propostas para reduzir o consumo, como meta inicial, buscando a abstinência como meta final. O apoio da família é recomendado, desde que com orientação da escola, pois os pais não foram capacitados para lidar com a questão.

Dificuldades de aprendizagem dos alunos

Sobre os possíveis problemas de aprendizagem dos alunos, os dados mostram que a maioria dos professores não vincula os problemas de aprendizagem ao próprio trabalho ou sequer à escola. A escola, assim, isenta-se da necessária revisão interna no que se refere à aprendizagem dos alunos."

Sobre o Saeb

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) visa, por meio de testes cognitivos e questionários, realizar um diagnóstico do sistema educacional brasileiro. A cada dois anos, estudantes do 5º e do 9º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio de escolas públicas fazem provas de português e matemática. Os questionários são aplicados aos alunos, professores e diretores e fornecem diversas informações sobre a vida escolar, práticas pedagógicas e de gestão, e capital cultural e social dos respondentes.

Sobre o Iede

Fundado em 2017 por Ernesto Faria, o Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede) tem três pilares de atuação: 1. Subsidiar jornalistas e formadores de opinião com dados, análises e estudos relevantes, a fim de contribuir para a qualificação do debate educacional; 2. Fazer pesquisas aplicadas e consistentes na área de Educação; 3. Realizar avaliações de projetos, apoiando organizações na implantação, mensuração e monitoramento de seus programas, para que possam ter seu impacto potencializado. [Acesse aqui o Relatório de Atividades 2017-18 do Iede](#)



Iede

Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional

www.portaliede.com.br

contato@portaliede.com.br

facebook.com/portaliede